# A banalidade do mal e a escolha dos sujeitos

Andréa Brunetto

*A dor se renova, o lamento repete*
*O errante curso labiríntico da vida.*

*Fausto*, Goethe.

Partiremos da Segunda Guerra Mundial para chegar à violência dos dias de hoje e a um exemplo de como essa violência existe na clínica psicanalítica. A idéia desse título ocorreu há meses, pouco antes das comemorações pelos sessenta anos do fim da Segunda Guerra Mundial. A persistência do tema se revelara após uma visita, em 2003, ao campo de concentração de Dachau, perto de Munique, na Alemanha. Esse campo hoje é um museu que conta a história da Guerra, tendo sido transformado em um monumento do que não pode acontecer nunca mais. Em sua entrada, aliás, lê-se "nunca mais" em muitos idiomas. O encontro com esse real, andar pelo campo, pelo crematório, deixou-nos como resto a necessidade de estudar mais sobre esse período da história. Do que não conseguimos compreender – o real, para Lacan –, devemos falar.

## a banalidade do mal

A expressão "banalidade do mal" é da filósofa e escritora alemã Hannah Arendt. Consiste na ausência de arrependimento pelo mal perpetrado ao outro. Ela cunhou o termo em seu livro sobre o julgamento de Adolf Eichmann, um dos operadores da "solução final" que resultou na morte de cerca de seis milhões de judeus. A autora percebeu[1], diante do horror dos testemunhos e das provas do extermínio – em Jerusalém se queria acreditar que Eichmann era um burocrata importante usando recursos do governo –, a pequenez e a mediocridade de Eichmann. Longe de ser uma vítima, ele até poderia admitir que cometera um crime contra os judeus – embora sustentasse que gostava de muitos judeus e que tinha inclusive alguns como parentes –, mas se escondeu atrás da explicação de que era um funcionário exemplar e obediente, cumprindo ordens superiores.

[1] Arendt assistia ao julgamento como correspondente da revista *The New Yorker*.

A banalidade do mal, portanto, foi algo com que Arendt se deparou durante o julgamento. "Eichmann não era nenhum Iago, nenhum Macbeth, e nada estaria mais distante de sua men-

te do que a determinação de Ricardo III de se provar um vilão"[2]. Segundo a filósofa, ele nunca percebeu o que estava fazendo, nunca teve a dimensão de que não se extermina um povo, que não se atenta contra a vida humana em nome de ideologia alguma. E não teve essa dimensão ética nem no momento de morrer – já tinha sido sentenciado à morte –, apelando para frases-clichê como "o destino dos homens", "vamos nos encontrar em outra vida" etc. Diante do crime sem precedentes que foi o genocídio dos judeus, era assombroso que um homem como ele não tivesse nenhuma culpa, nenhuma noção de responsabilidade.

[2] Arendt. *Eichmann em Jerusalém* (2004).

Segundo Alain Besançon, parte dos crimes horríveis da Segunda Guerra Mundial foi cometida por homens medíocres, mediocremente inteligentes e morais, não podendo a explicação se restringir à personalidade de quem o cometeu, sem avaliar o "sistema". Por isso, embora em casos como os de Stalin e Hitler[3], dotados de uma personalidade criminosamente doente, a justificativa da autoria pareça razoavelmente coerente, o que dizer de casos como o de Eichmann?

[3] Besançon situa o comunismo e o nazismo no mesmo patamar de tirania, embora as atrocidades do primeiro ainda sejam uma história a ser contada.

Somos cada vez mais assolados por exemplos do *mal banal*. Um funcionário público passa a ganhar muito dinheiro corrompendo-se e vive sua ostentação aparentemente sem culpa; outro atropela um jovem, mata-o, e cinco dias depois dá entrevistas na televisão sobre uma greve por aumento de salários; dois adolescentes matam um terceiro para roubar seu tênis.

## *Imre Kertész* e o campo de *Auschwitz* [4]

Na *Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola*, Lacan sustenta que os campos de concentração são uma coordenada real para a exclusão e que o nazismo pode ser considerado um precursor da exclusão gerada pela universalização do sujeito que procede da ciência.

[4] Há vários outros exemplos, entre os quais o do psicanalista Bruno Bettelheim, que foi encarcerado em Dachau em 1938 e 1939. Seu relato pode ser lido no livro *A Viena de Freud e outros ensaios*.

Por isso, comento a experiência no campo de concentração do escritor Imre Kértész antes de passar para a discussão da responsabilidade dos sujeitos e a responsabilidade da psicanálise diante disso. Kértész, ganhador do prêmio Nobel de Literatura de 2002, era um garoto de 15 anos quando, a caminho do trabalho, já instituído pelos nazistas, foi preso com outras pessoas simplesmente porque eram judeus. Detido com outros garotos em um quartel improvisado da SS, testemunha tamanha violência, que olha para as metralhadoras e pensa que seus suportes parecem os pés de uma cegonha, "com um ridículo apetrecho em forma de funil, preso à boca do cano, parec[endo] o moedor de papoula de minha avó"[5], ou seja, tentando dar sentido à irrupção desse real, relaciona as metralhadoras com coisas amenas e conhecidas, como esse objeto de sua avó.

[5] Kértész. *O fiasco* (2004, p. 15).

É enviado a Auschwitz. Em seguida, com o joelho machucado, retorna para Buchenwald antes de seguir para um terceiro campo, o de Zeitz, onde seria resgatado pelos aliados. Ao retornar com diversos outros húngaros a Budapeste, vê que a população da cidade não quer olhar para ele. Entra na cidade magro, raquítico, morto de fome, maltrapilho, e as pessoas desviam o olhar. No bonde que o leva até sua rua, encontra um jornalista que lhe pergunta se está voltando de um campo de concentração e diz que isso tudo que acontecera com ele precisava ser falado, contado a todos. Afasta-se. Quando toca a campainha de sua casa, estranhos o atendem. Já não é mais sua casa. Vizinhos que o conheciam o chamam, contam que seu pai morrera, que sua madrasta vivia com outro e que tudo que lhe acontecera tinha sido uma fatalidade, o destino. Devia esquecê-lo, "pois com um peso assim não se pode começar uma nova vida".

Kértész concorda com o conselho, mas não com a explicação sobre o destino: se tudo foi obra do destino, qual a liberdade do homem? Não era o seu destino, mas ele o viveu, razão pela qual o primeiro volume de sua história se intitula *Sem destino*. Em *A língua exilada*, conta que Auschwitz destruiu o que entendia por pátria, nação, povo, e que se sentia pertencendo a lugar nenhum. "Ante uma aparição como Auschwitz, a lógica, indiscutivelmente, não nos leva longe: parece que a razão declara falência"[6]. E inventaria os escritores que viveram a realidade de Auschwitz e que se mataram; por enquanto, está se agüentando, sem fazê-lo.

[6] Kértész. *A língua exilada* (2004, p. 82).

## violência e agressividade: a responsabilidade dos sujeitos

Arendt mostra como se "brincou" com as palavras na Alemanha do Terceiro Reich. Para se livrarem dos alemães geneticamente defeituosos, doentes incuráveis, propôs-se uma "morte misericordiosa". Os memorandos continham expressões como "massacres administrativos" e "morte médica". Ela se surpreende que, em ofício, um dos ministros tenha usado a palavra extermínio. Mesmo durante o julgamento de Eichmann, seu advogado, para se referir ao extermínio dos judeus nas câmaras de gás, usava apenas o termo "morte médica".

Em *O mal-estar na civilização*, Freud mostra que as tendências destrutivas estão presentes em todos os homens, tratando-se, portanto, de tendências anticulturais. Em suas palavras, "os homens não são criaturas gentis que desejam ser amadas e que, no máximo, podem defender-se quando atacadas; pelo contrário, são criaturas entre cujos dotes pulsionais deve-se levar

em conta uma poderosa cota de agressividade". E cita Plauto: *homo homini lupus*. Já na resposta a carta de Einstein *Por que a guerra?*, de julho de 1932, ele diz que é impossível prevenir a destrutividade do ser humano. Afirma que há um caminho que vai da violência ao Direito e à Lei, e que a violência pode ser derrotada pela união, mas que ainda assim trata-se de uma violência: "a única diferença real reside no fato de que aquilo que prevalece não é mais a violência de um indivíduo, mas a violência da comunidade"[7].

[7] Freud. Por que a guerra? (1932/1972, p. 247).

O símbolo é mais importante que o objeto, mostra Lacan em seu *Seminário – livro 1: Os escritos técnicos de Freud* (1953-4). A maneira como os homens usam a palavra *elefante* determina o que será feito com eles, antes mesmo que se pegue em um arco ou fuzil. Assim, a qualificação de uma ação como algo violento é efeito do discurso, de como está inserida no laço social. A violência, portanto, não é propriamente um conceito psicanalítico e pode ser relacionada com as mais variadas significações: com a rivalidade imaginária com o outro, com a fantasia do gozo do Outro, com a aquisição da linguagem pelo ser falante e com as manifestações de segregação coletivas. É nessa vertente que se pode tentar entender o nazismo e a segregação de raças após os eventos de 11 de setembro de 2001.

Francisco Pereña, no artigo *Da violência à crueldade,* caracteriza a violência como "o caráter traumático de seu nascimento (do sujeito), um acontecer violento porque o recém-nascido fica exposto ao outro, à sua mercê, indefeso"[8], e a diferença da crueldade: enquanto a violência é um padecimento da experiência traumática, a crueldade é "a violência que se converte em razão de uma ordem e de uma vingança"[9]. Para Pereña, "cada vez que buscamos a mão que dirige nossas desgraças, montamos o acampamento da crueldade em que vivemos"[10], sendo assim que a crueldade se torna o cimento da relação entre os homens.

[8] Pereña. De la violencia a la crueldad (2003, p. 121)

[9] *Ibid.*, p. 122.

[10] *Ibid.*, p. 123.

Só podemos entender determinado ato violento, portanto, caso a caso, diante da realidade da clínica, ou realizando uma leitura dos laços sociais. O extrato clínico a seguir mostra um sujeito inicialmente surpreso com seu ato violento, mas em seguida, com a ajuda de seu psiquiatra, desresponsabilizado: deprimido e estressado, encontra uma justificativa para o que fez.

Um homem pede análise como um apoio a mais, além do medicamento, para tirá-lo da depressão. Na primeira sessão, conta que, tendo sido pacífico a vida toda, sem histórico de brigas e agressões, jogara no mês anterior o computador em seu chefe, porque este, após cobrar de um colega de trabalho

algo que o mesmo não podia fazer, xingara-o e chamara-o de incompetente.

Acha que seu ato não teve motivo e que foi fruto do stress. Diante da não-aceitação da analista em responsabilizar o stress pelo que acontecera, diz finalmente que não sabia por que fizera isso. A aposta da psicanálise: na decifração de seu inconsciente, descobrirá o motivo.

Inicia-se a análise e esse sujeito pode falar de suas inibições com as mulheres e da inveja e rivalidade que sente pelo irmão, seu ideal de homem extrovertido que conquista "todas elas". Um ano depois, em decorrência da elaboração de uma cena infantil e de uma interpretação da analista, relaciona-a com a agressão a seu chefe. No quintal de sua casa, o pai amarra com uma corda seu filho mais velho, irmão do paciente, e o espanca. O sujeito assiste seu pai gritar repetidamente: "seu incompetente, sem ação". Não faz nada, confirmando a afirmativa paterna dirigida ao irmão, e se congela no significante "sem ação". Em uma das vezes que conta essa cena, diz: "Eu poderia, para defender meu irmão, pelo menos ter jogado algo em meu pai". "Um computador?", pergunta a analista.

Constrói-se, assim, a relação entre a violência sentida em um passado distante e a exercida a um outro recentemente. A violência sentida, não tendo sido elaborada no simbólico, levou a uma conduta violenta, embora não no sentido de uma pura repetição, como se o abusado de ontem se tivesse tornado o abusador de hoje. Ao intervir na segunda cena, o sujeito, com seu ato, introduz algo, produzindo uma nova identificação: não mais o sujeito sem ação. Só na análise, contudo, é que pode, após relacionar violência e saber, falar do ódio ao pai.

Luís Fernando Palacios, em seu artigo *Sujeito, ato e responsabilidade*, sustenta que o ato surge quando o sujeito se confronta com um ponto a que o Outro não responde. "O sujeito, então, está confrontado ao não-todo, a um ponto de onde o Outro não responde. Isso é o que assinalamos, ao dizer que o Outro não responde à pergunta sobre o ser do sujeito, criando as condições para produzir algo novo"[11].

[11] Palacios. Sujeto, acto y responsabilidad (1999, p. 38).

Esse caso clínico, portanto, mostra a escolha do sujeito em se responsabilizar por seu ato, o que o leva a sair da posição de ser um "sem ação", sem precisar apelar novamente à violência. Trata-se de uma análise que, depois de alguns anos, ainda tem um grande percurso a ser feito, mas que só pôde se manter pela aposta do sujeito no simbólico, ou seja, por sua escolha em responsabilizar-se.

## referências bibliográficas


ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém.* São Paulo: Companhia das Letras, 2004a.

ARENDT, Hannah. *Responsabilidade e julgamento.* São Paulo: Companhia das Letras, 2004b.

BESANÇON, Alain. (1998). *A infelicidade no século.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

FREUD, Sigmund. (1930). O mal-estar na civilização. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1972. Vol. XXI.

FREUD, Sigmund. (1932). Por que a guerra? In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1972. Vol. XXII.

KERTÉSZ, Imre. *Sem destino.* São Paulo: Planeta, 2003.

KERTÉSZ, Imre. *O fiasco.* São Paulo: Planeta, 2004a.

KERTÉSZ, Imre. *A língua exilada.* São Paulo: Cia das Letras, 2004b.

LACAN, Jacques. (1967). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: *Outros escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 1: Os escritos técnicos de Freud* (1953-1954). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

PALACIOS, Luís Fernando. Sujeto, acto y responsabilidad. In: *Jóvenes bandas y acto delictivo.* Medelín: Associación de Foros del Campo Lacaniano en Colombia, 1999.

PEREÑA, Freancisco. De la violência a la crueldad. In: *Clinica de la violência.* Barcelona: Forum Psicoanalitico de Barcelona, 2002.

resumo

Com base no conceito de banalidade do mal, proposto por Hannah Arendt, e das descrições da violência no campo de concentração de Auschwitz, relatadas por Imre Kertész, relaciona-se a banalidade a uma desresponsabilização dos sujeitos diante da própria agressividade. Por fim, mostra-se como a violência e a agressividade se evidenciam na clínica psicanalítica de hoje.

palavras-chave

Hannah Arendt, banalidade do mal, violência, Imre Kertész.

abstract

Through the concept of evil banality, proposed by Hannah Arendt, and the violence descriptions at the Auschwitz concentration camp, reported by Imre Kertész, we listed a non responsibility of the subjects against their own aggressiveness. And, lastly, we show how violence and aggressiveness are evident in analyst clinical issues.

key words

Hannah Arendt, evil banality, violence, Imre Kertész

recebido
08/04/2006

aprovado
30/04/2006